



V Seminário RHETOR
Retórica e discursos epidícticos

26 a 29 de outubro de 2021
(Brasília GMT -3)

CADERNO DE RESUMOS

Inscriva-se e acompanhe o evento:
[YouTube](#)

Inscrições para OUVINTES até 26/10:
[Even3](#)

Visite:
seminariorhetor.com.br

2021

RHETOR
Grupo de Estudos de Retórica e Oratória Antiga

τα γ. συμμοσιω / ουτο λεγο. δ α λτιρο γδ ο τι σινι / ουσ παθη δ ο ζο γ α τ α γ. επ ο ε β τοι α λο γ ο υ ε λ α τ η ο ι α β α σ ι σ ο π η τ
α κ ο υ ε ι ν. π α ρ ε λ λ α μ η μ ε ρ τ
πο λ λ ο ι μ α κ ο υ λ ο μ α ρ ο ι σ μ α
δ υ θ ο ρ υ β ο γ α π ο κ ρ ι γ λ α θ
λ λ α τ η ε α σ α λ ο γ ο σ γ. δ η λ ι
ε λ ο ι α θ η π ο λ ι σ. δ τ τ ι σ ι λ ο ι σ ι
ο ρ ο δ η κ α γ ο μ α κ ο υ ε ι ν η π ρ ο ρ
ε κ δ ε τ υ θ ο ρ υ β ε ι ν. δ κ α τ ο
μ α γ ο υ ω μ ε μ η γ ρ ο ο μ α π α ρ ε

V SEMINÁRIO RHETOR

Retórica e discursos epidícticos

Comissão Organizadora

Bárbara Cândido Menezes (Universidade de Brasília)

Gilson Charles dos Santos (Universidade de Brasília)

Isadora Fernandes (Universidade de Brasília)

Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Apoio





Apresentação

Desde 2013, o grupo RHETOR (Grupo de Estudos de Retórica e Oratória Antiga) realiza a cada dois anos seu Seminário, com o objetivo de fortalecer o diálogo acadêmico com especialistas de nível nacional e internacional na área de Retórica. Além da divulgação das pesquisas realizadas pelo RHETOR, os seminários permitem o estabelecimento de parcerias nacionais e internacionais que potencializam os projetos em andamento.

Nesta quinta edição do Seminário RHETOR, o evento será (pela primeira vez) online, nos dias 26, 27, 28 e 29 de outubro de 2021, com o tema “Retórica e discursos epidícticos”.

Enquanto gênero, o discurso epidíctico (*epideiktikos logos*; *demonstrativum genus*) figura, a partir de Aristóteles, como um dos três tipos de discursos retóricos, a par do judiciário (*dikanikos logos*; *iudiciale genus*) e do deliberativo (*symboleutikos logos*; *deliberativum genus*). É o gênero que tem como finalidade o elogio ou a censura, tratando da virtude ou do vício. Não por acaso, é empregado em cerimônias fúnebres ou ocasiões solenes, como a vitória em batalha ou o triunfo de um general. Por esse motivo, ele recobre a função de identificação de valores coletivos e fortalece os mecanismos criadores de um sentido de comunidade, permitindo que ali investiguemos, por exemplo, elementos simbólicos da organização social, das relações familiares e dos costumes religiosos e culturais.

Todavia, enquanto práxis oratória, o epidíctico também pode denotar não um gênero em si, mas um aspecto geral de discursos modelares e fictícios de finalidade propedêutica (*epideixis*), compostos não necessariamente por oradores, mas também por sofistas e mestres da oratória. Nesse sentido, a prática de discursos epidícticos se misturou aos demais gêneros da retórica e também da poética, graças à confecção de panegíricos, odes e da ecfrase, ou descrição de cenários e pessoas. Neste sentido, esses discursos são reconhecidos como importantes fontes para entendermos a paideia no Mundo Antigo e suas práticas discursivas que, *mutatis mutandis*, existem ainda em nossos dias.

Com base nessas reflexões, este evento tem como objetivo fomentar o diálogo dos participantes sobre os discursos epidícticos, tendo como marco teórico as Retóricas da Antiguidade. O evento contará com a participação de membros do grupo RHETOR e de convidados.

Os certificados para ouvintes serão emitidos com base na participação de cada atividade.

Aguardamos a presença de tod@s no V Seminário RHETOR.

Os organizadores



26 DE OUTUBRO

Abertura – 10h

Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Gilson Charles dos Santos (Universidade de Brasília)

Sandra Lúcia Rodrigues da Rocha (Universidade de Brasília)

Conferência de Abertura – 10h30-12h

The concept of philotimia in funeral orations

Myrto Aloumpi (maloumpi@gmail.com)

University of Crete

We may say that *philotimia* was the cornerstone of Athenian democratic ideology, especially during the fourth century BC. At least as far as surviving forensic speeches and honorific inscriptions suggest, *philotimia* held a significant place in the public discourse of reciprocity between the city and its citizens as well as foreign benefactors. At the same time, throughout democracy *philotimia* retained an ambiguous status oscillating between virtue and vice depending on the way it was expressed as well as the context. Neither all places nor all activities were suitable for demonstrating one's *philotimia*, one's love of honour, and so, for example, the concept of *philotimia* is strikingly absent from the Athenian Assembly and the surviving deliberative speeches. But how about the genre of *epitaphioi*? This paper explores the place that *philotimia* held in the surviving funeral orations in an attempt to understand whether it was a virtue suitable for the glorification of the past generations and the war dead or rather a 'hic et nunc' virtue, i.e., reserved for potential benefactors in a more transactional sense.

Primeira Mesa – 12h-13h

Mediadora: Sandra Lúcia Rodrigues da Rocha - Universidade de Brasília

1. *Sophistical epideixeis in Plato: the case of Hippias' epideixis in the Hippias minor*

Silvia Venturelli (silvia.venturelli87@gmail.com)

Università di Pisa/Istituto Italiano per gli Studi Filosofici, Napoli

Plato's dialogues represent an important source for the use and meaning of the noun *epideixis* and of the cognate verb *epideiknymi* before epideictic oratory was established as a specific genre. Although the terms are used by Plato with a rather broad range of meanings, it can be safely affirmed that in some passages they appear to be already specialized in indicating the sophistic declamation, the



best-known examples of which are Prodicus' Heracles and Gorgias' Helen and Palamedes. Plato's dialogues offer indeed a relevant testimony for the reconstruction of the practice and literary genre of the sophistic *epideixis*, as represented chiefly in the *Protagoras* but also in other dialogues that involve Sophists, such as *Gorgias*, *Hippias minor* and *Hippias major*. Aim of this paper is to examine the case of the *epideixis* on Homer attributed to Hippias in Plato's *Hippias minor* and its controversial relationship with Hippias' *Trojan Speech*, which is mentioned in *Hippias major* and which according to some scholars should be identified with the *epideixis* that Hippias is imagined to have just delivered at the beginning of *Hippias minor*. For this purpose, the evidence regarding the form and content of both *epideixeis* will be examined, trying to offer a reconstruction of them and verifying the points of affinity on the one hand and of difference on the other. It will be argued that the two speeches were probably different, the *epideixis* presupposed in the *Hippias minor* being presented as a declamation specifically centred on Homer, while in the *Trojan Speech* the mythological characters of Nestor and Neoptolemus serve only as a starting point to introduce the sophist's educational program. However, both speeches offer an example of sophisticated fictitious *epideixeis* and demonstrate Hippias' tendency to interpret mythology and poetry with the purpose of deriving ethical paradigms from it.

2. Himerius and the Athenian funeral speeches

Tito Storti (tito.storti@virgilio.it)

Salerno University

Unlike Libanius and Themistius, Himerius never received close attention among modern scholars, even though his imaginary orations are valuable sources for understanding rhetorical education in Late Antiquity. In this contribution I shall analyse form and contents of Himerius' *Or. 6*, where the sophist impersonates a polemarch giving an ἐπιτάφιος λόγος at the end of the 5th century BC. This exercise follows just partly the traditional structure of the Athenian funeral orations (Gorg. VS 82 B 5f., Th. II 35-46, Pl. Mx., Lys. 2, D. 60, Hyp. 6), for its purpose is rather different. Epideictic literature started at Athens, indeed, with the custom of delivering a speech every year of war at the end of the burial ceremony, which is extensively described by Thucydides (II 34). The bravery of the fallen was there extolled only as part of a wider praise covering the Athenian noble birth, Athens' exceptional democracy, and the glorious deeds of the ancestors. These speeches may be considered as political and educational pamphlets, for they represented Athens' policies as legitimate and useful for the whole Greek race. Under the Roman empire this heritage provided material for school practices, and Himerius' *Or 6* is the only rhetorical exercise survived imitating Athenian funeral speeches. The paper shall prove that this oration must be seen as 1) a full development of two typical preliminary exercises (Προγυμνάσματα) of the Greek primary education, namely narration (διήγημα) and praise (ἔγκωμιον), and 2) a display of Himerius' devotion to Athenian heritage.



Segunda Mesa – 14h-15h

Mediador: Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda - Universidade Federal do Rio de Janeiro

1. *Un sofista en el Cáucaso: Prometeo y la περιαντολογία*

Pilar Gómez (pgomez@ub.edu)

Universidad de Barcelona

El diálogo *Prometeo* de Luciano de Samosata toma como argumento un mito bien conocido, pero que el samosatense presenta en una forma novedosa, dado que la originalidad de la pieza no es el asunto tratado, sino el modo como es vehiculado. Luciano refiere los principales episodios del mito de Prometeo –reparto de las carnes, robo del fuego y creación de los hombres–, pero construye un diálogo en el que enmarca un debate judicial, a modo de λόγος δικανικός: Prometeo, que se siente injustamente condenado por Zeus, pide a Hermes simular un juicio para poder pronunciar su propia defensa; es decir, elabora una ἀπολογία. Esta defensa, sin embargo, no puede surtir ningún efecto sobre el castigo impuesto al Titán y, por ello, Hermes insiste en la nulidad del juicio por considerarlo una mera audición sofística. El elogio (ἔπαινος), descrito en los manuales de ejercicios preparatorios o προοιμνάματα, es una forma de discurso epidíctico, muy cultivada entre los sofistas griegos de época imperial. El rétor Alejandro (s. II d.C.) incluye entre los diversos modos de elogio una forma particular, la περιαντολογία (autoalabanza), que consiste en hablar de uno mismo y de hechos realizados por uno mismo. Se trata de un tipo de composición claramente retórica, a la que Plutarco dedica incluso una pieza: *De cómo alabarse sin despertar envidia*. El objetivo de esta intervención es analizar la defensa que Prometeo presenta de su propia causa, de acuerdo con las características generales de la autoalabanza, fijadas por la teoría retórica y por Plutarco en su tratado, como ejemplo del proceder compositivo de Luciano, hábil en mezclar distintos géneros del discurso, siendo difícil individuar una precisa forma retórica en sus obras. Así, en su *Prometeo*, un aparente discurso judicial no es más que un discurso epidíctico.

2. *Saffo nei testi di retorica: un approccio comune?*

Emanuele Vuono (emanuele.na@outlook.it)

Universität zu Köln

Nel mio progetto di ricerca all'Università di Colonia, parte del mio ben più ampio lavoro finalizzato ad un commento ai *testimonia* saffici, sono inclusi i passi delle opere afferenti al genere della retorica. Al momento ho potuto raccogliere per questo gruppo sedici testimonianze, in un arco compreso tra il IV secolo a.C. (Aristotele) e il III/IV secolo d.C. (Menandro Retore). In occasione del vostro seminario mi piacerebbe, dopo aver fornito una panoramica generale sui testi, specialmente



quelli che ritengo i più significativi, cercare di analizzare le ragioni per cui gli autori abbiano deciso di inserire un riferimento a Saffo nella loro opera e, di conseguenza, di comprendere la funzione e lo scopo di tale menzione ai fini del discorso retorico. Nella tradizione, la figura della poetessa viene associata ai generi dell'epitalamio (Pseudo-Dionigi, Menandro Retore), del giambo (Filodemo) dell'inno cletico (Menandro Retore), alla tecnica dell'*epenthymesis* (Aristotele), allo stile sublime (Pseudo-Longino), alla figura di Alceo (Aristotele), ai concetti di *χάρις* (Demetrio) e di bellezza, considerata nella complessa intersezione delle sue numerose sfaccettature, dalla natura al corpo, dalla dolcezza del canto alla raffinatezza della letteratura (Demetrio, Dionigi di Alicarnasso etc.). Meritano qualche riflessione il discusso legame tra Saffo e il giambo cui fanno riferimento sia il filosofo Filodemo che l'imperatore Giuliano e l'opinione, sempre del filosofo di Gadara, secondo la quale Saffo (forse esemplificativa dell'intero genere lirico), assieme agli epigrammisti, avrebbe il limite di essere in grado di comporre soltanto eccellenti *poemata*, senza giungere ad una completa *poesis*. Nel corso del mio soggiorno a Colonia ed eventualmente del vostro seminario cercherò di indagare sulla possibilità di un approccio comune di fondo sotteso a questi passi o ad una parte di essi, nel tentativo di inquadrare al meglio la figura della poetessa nell'ambito della produzione retorica.

Terceira Mesa – 15h-16h

Mediadora: Priscilla Gontijo Leite - Universidade Federal da Paraíba

1. *Sobre os signos no gênero retórico epidíctico*

Saulo Bandeira de Oliveira Marques (sbmarques@gmail.com)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Ainda no início da Retórica, Aristóteles classifica os entimemas retóricos desde os elementos a partir dos quais as suas premissas são estabelecidas (*Rh.* 1357a32-33). Os entimemas cujas premissas se fundam na probabilidade (*eikós*) têm um jaez de plausibilidade, com vistas ao verossímil, enquanto aqueles cujas premissas partem de signos (*semeion*) têm um viés de implicação, propondo-se a relacionar um algo a outro (*Rh.* 1357b1-21). Sob essa perspectiva e a fim de apresentar o orador como alguém confiável (*Rh.* 1366a27-28), o Estagirita recorre aos entimemas por signos, fazendo-lhes o padrão discursivo do gênero epidíctico. Desde a definição de signo (*A. Pr.* 70a7-10), parece possível verificar essa hipótese não apenas pela redação mesma do “capítulo” sobre a retórica epidíctica (*Rh.* 1366a23-1368a37), mas, sobretudo, pela conexão entre as provas persuasivas (*písteis*), os objetivos do gênero epidíctico e a análise dos *pathe* na “Retórica das Paixões”.



2. O discurso epidíctico de Teseu em *Hipólito*, de Eurípides

Hamilton Sérgio Nery de Medeiros (hamilton.438@gmail.com)

Universidade Federal da Paraíba

Em sua *Retórica*, Aristóteles aponta os tipos de discursos utilizados pelos oradores para se alcançar a persuasão, a saber: deliberativo, judiciário e epidíctico. Este último busca louvar ou censurar algo que ocorre durante um tempo presente. Assim, os objetos deste discurso se pautam nas virtudes e vícios que refletem nos âmbitos cívico, social e religioso. Por meio do gênero epidíctico, sobretudo, pode-se estabelecer uma relação estrita entre a literatura e a retórica. Na obra *Hipólito*, de Eurípides, a partir do verso 925, observa-se uma série de falas da personagem Teseu, direcionadas a seu filho, Hipólito. Elas constroem um dos mais importantes discursos presentes na peça, em que há inúmeros indicativos de repreensão por parte de Teseu a Hipólito. O pai censura publicamente o filho, apresentando os fatos de suas más ações, que vão contra os valores vigentes em sua época no que tange os setores social, cívico e religioso. Através de metodologia de caráter qualitativo e de natureza básica e abordagem objetiva, nossa pesquisa se apoia em teóricos como Jacqueline de Romilly (*A tragédia grega*, 1998) e Dante Tringali (*Introdução à retórica*, 1988), e obras, como *Retórica*, de Aristóteles, para analisar como discurso epidíctico o corpus constituído pelas falas de Teseu em *Hipólito*.

27 DE OUTUBRO

Conferência – 10h-11h30

"Vir bonus peritus dicendi": a transmissão do ideal de orador e questões de recepção de preceitos retóricos em Alcuíno de York

Artur Costrino (artur.costrino@ufop.edu.br)

Universidade Federal de Ouro Preto

Nesta comunicação, pretendo explorar o conceito de "uir bonus", presente na retórica desde Platão, e como ele foi interpretado e transmitido ao longo de diversos tratados até ser reinterpretado por Alcuíno de York em um contexto cristão, no século 8 EC. Paralelamente a isso, discutirei a transmissão de manuscritos da Antiguidade através de mosteiros e a questão do acesso aos textos e como isso ajuda a delinear nossa interpretação a respeito dos usos da retórica na Idade Média.



Quarta Mesa – 11h30-12h30

Mediador: Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda - Universidade Federal do Rio de Janeiro

1. *Il Panegirico a Traiano e il circuito della beneficentia*

Alessandro Ettore Oddo (alessandroettore.oddo@phd.unipi.it)

Università di Pisa

La *beneficentia* è una pratica sociale assai pervasiva della cultura romana, dà corpo alle relazioni interpersonali più tipiche della romanità (*pater-filius, patronus-cliens, dominus-servus*): l'avvento del *princeps*, polo accentratore del potere politico e sociale, potrebbe avere determinato un disequilibrio nel meccanismo dello scambio di beneficia. Una lettura del *Panegirico a Traiano* di Plinio può illuminare meglio la questione: quest'opera, oltre a dare la più compiuta testimonianza ad oggi a noi pervenuta dello specifico genere di discorso pubblico che era la *gratiarum actio*, è un campo d'indagine privilegiato per illuminare i reciproci rapporti tra il ceto senatorio e il *princeps* alla fine del I sec d.C. Le valutazioni dell'operato del principe si giocano tutte attorno alla pratica della *beneficentia*, così come è descritta nel trattato senecano de *beneficiis*: Traiano è presentato come il perfetto benefattore dei propri *cives* e il *beneficium* traiano sembra la realizzazione compiuta dell'ideale senecano, nel quale si è riuscito anche a neutralizzare l'effetto degenerativo dell'ingratitude. Ad una lettura più attenta però Plinio, pur tratteggiando l'immagine di un benefattore compiuto e insuperabile, descrive in realtà una situazione già degenerata e ben lontana da ciò che auspicava Seneca; in questo caso però la minaccia non viene dall'ingratitude, bensì dalla presenza stessa del *princeps*. Dietro le parole di riconoscenza rivolte a Traiano, si cela una forma di scambio dei *beneficia* viziata dalla presenza ingombrante di un sovrano, che ne detiene il monopolio esclusivo. La figura dell'imperatore è in grado di condensare in sé l'intera relazione donante, escludendo del tutto dal nuovo orizzonte sociale la pluralità di attori, su cui la pratica oblativa si era sempre impostata. Il presente contributo si propone dunque di indagare i modi della *beneficentia* con costante riferimento agli studi sulle pratiche del dono e dello scambio di beni, che spaziano dall'antropologia, alla sociologia, alla filosofia¹, e attraverso il filtro di un genere di discorso assai formalizzato, quale la *gratiarum actio*, che era al contempo encomio pubblico e atto conforme a disposizioni di legge (*Pan. 1.2, imperio senatus, auctoritate rei*).

¹ A titolo esemplificativo si vedano M. Mauss, *Saggio sul dono. Forma e motivo dello scambio nelle società arcaiche* (ed. or. *Essai sur le don. Forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques*, Paris 1950), trad. it. Torino 2002, J.T. Godbout, *Lo spirito del dono* (ed. or. *L'esprit du don*, Paris 1992), trad. it. Torino 1993, S. Zanardo, *Il legame del dono*, Milano 2007 e D. Falcioni (a cura di), *Cosa significa donare?*, Napoli 2011.



2. *Agradecimento, elogio e tratado do bom governante: (re)definições do epidíctico no Panegírico de Plínio, o Jovem*
Kátia Regina Giesen (katiagiesen@gmail.com)
Universidade Federal do Espírito Santo

A tradição dos discursos de agradecimento (*gratiarum actiones*) é pouco mencionada nas obras latinas supérstites anteriores a Plínio, o Jovem. Quando aparecem nessas fontes expressões como *gratiarum actio* ou *gratias agere*, em geral elas não são acompanhadas de informações adicionais que auxiliem a entender ou definir mais facilmente os limites, estruturas e funções desse gênero. Parece ser, sobretudo, por essa razão que a busca por algum parâmetro retórico que guie a leitura do texto pliniano conhecido como *Panegírico a Trajano* frequentemente conduz os comentaristas a uma comparação com os tratados extemporâneos sobre o epidíctico de Menandro, o retor. Sem desconsiderar a utilidade da sistematização posterior menandrina para a interpretação do texto de Plínio, o objetivo desta comunicação sobre o *Panegírico* é responder a essa busca por um parâmetro com as indicações teórico-práticas do próprio discurso pliniano. Para isso, é necessário entender como o panegirista define, a partir de diversas passagens metadiscursivas, o gênero de seu discurso, quais finalidades atribui a ele, como propõe sua organização e de que maneira projeta ser lido. Desse modo, a investigação examina como esse discurso senatorial é caracterizado pelo próprio orador, que parece atribuir à sua *oratio* um lugar entre ação de graças, louvor ao príncipe (similar ao *basilikós logos* de Menandro) e, em diálogo com os quatro discursos de Dião de Prusa, tratado para o bom governante.

Quinta Mesa – 13h30-14h30

Mediador: Gilson Charles dos Santos – Universidade de Brasília

1. *A Deliberative Speech in Praise of Rhetoric*

Luca Grillo (lgrillo@nd.edu)

University of Notre Dame

In the prologue to the *Rhetorica ad Herennium* Book IV, the author boldly departs from tradition: he will create his own examples to illustrate styles and figures of rhetoric, rather than drawing from poets and orators, as Greek manuals typically did. This methodological discussion, which resembles a declamation, portrays itself as an exemplum both because it embodies the precepts exposed in Books I, II, and III and because it introduces the treatment of figures of speech in Book IV. This prologue, then, carries a meta-literary and mimetic dimension: its arguments, fine style and rhythm demonstrate and showcase how useful good precepts of rhetoric can be. This exemplary prologue partakes in a larger debate between philosophy and rhetoric, and ancient evidence (drawn especially from Cicero's *De Inventione*, *De Oratore* and *Brutus*) will help to consider it in its historical and cultural context.



2. *A epístola Sobre as férias em Álsio 3 de Marco Cornélio Frontão: um elogio ao ócio*

Fabrizia Nicoli Dias (fnicolidias@gmail.com)

Universidade Federal do Espírito Santo

Marco Cornélio Frontão foi um orador e professor latino de retórica do século II d.C. De suas obras, apenas um conjunto de missivas sobreviveu, de forma fragmentária, até os nossos dias. Fazem parte da correspondência o elogio dirigido à fumaça e à poeira (*Laudes fumi et pulveris*), o louvor à negligência (*Laudes neglegentiae*) e uma carta que ficou conhecida sob a identificação de *Sobre as férias em Álsio 3* (*De Feriis Alsiansibus 3*, doravante *Fer. Als. 3*). Nesta, o remetente busca exortar o imperador Marco Aurélio à prática do ócio durante a estadia do governante em Álsio e, como parte de sua argumentação, apresenta uma narrativa mitológica sobre o nascimento do deus Sono. Na introdução da fábula, Frontão revela a ambição literária de recuperar o fôlego anteriormente dispendido em seus "Elogios da fumaça e da poeira" — nos quais há uma reflexão teórica sobre as exaltações destinadas a matérias consideradas banais ou ruins — e lamenta por não ter elevado o sono outrora. Nesse sentido, objetivamos investigar *Fer. Als. 3* segundo o viés do louvor paradoxal, variedade laudatória destinada a tópicos considerados menos exaltáveis segundo o senso comum. Para isso, recorreremos a discussões presentes na doutrina retórica antiga e a comentadores do texto frontoniano, como Verger (1985), Fleury (2006) e Fasce (2011). Entendemos que o retor compara o mito sobre o Sono às produções lúdicas de tempos passados, pois a ocasião favorece o emprego das diretrizes que ele mesmo demarcou para esse tipo de criação específica. Remetendo-se àquelas *Laudes*, Frontão realiza, portanto, uma ligação imediata com a modalidade elogiosa das celebrações paradoxais, de modo a sugerir que concebe *Fer. Als. 3*, se não como parte delas, enquanto uma composição familiar a essa espécie de louvor.

Sexta Mesa – 14h30-15h30

Mediador: Gilson Charles dos Santos – Universidade de Brasília

1. *O gênero epidíctico no período Flaviano*

Leni Ribeiro Leite (leni.ribeiro@gmail.com)

University of Kentucky

Nosso trabalho se debruça sobre o período flaviano, que se estende de 69 a 96 EC, e parte da partir da observação de duas constantes na crítica da produção literária do período: 1) o encômio como tema literário privilegiado; 2) a suposta retorização da literatura. Esses elementos, apontados como característicos da poesia flaviana, resultam da importância crescente do terceiro gênero da retórica, o epidíctico, durante o período imperial. Defendemos que, contrariamente ao que se apresenta



nos tratados retóricos de fins da República, como os de Cícero e a *Retórica a Herênio*, e mesmo do período imperial, como a *Institutio Oratoria* de Quintiliano, nos quais o epidíctico é tratado como menor do que os outros dois gêneros, o elogio e o vitupério eram temas de grande vigor e importância, parte fundamental da estrutura de formas textuais variadas, e elemento essencial nas trocas culturais, sociais e políticas. Entendemos que esse processo se inicia em tempos mais recuados, e se completa posteriormente, como exemplificam os tratados de Menandro Retor - mas defendemos o período flaviano como central para a compreensão do crescimento do gênero epidíctico em Roma, e propomos uma leitura que privilegia as estratégias literárias como parte da dimensão cultural e sócio-política, intermediadas pelo uso do discurso.

2. *As Siluae de Estácio à luz do gênero retórico epidíctico*

Luiza Helena Rodrigues de Abreu Carvalho (luizahcarvalho@gmail.com)

Universidade Federal do Espírito Santo

O objetivo desta comunicação é analisar as características do gênero retórico epidíctico na poesia de ocasião de Estácio, autor romano do século I, que viveu sob o governo de Domiciano. A arte retórica, sistematizada primeiramente por Aristóteles, é dividida entre os gêneros judicial, deliberativo e epidíctico, cujos objetivos eram, respectivamente, os de acusar e defender, aconselhar e dissuadir, vituperar e elogiar. Neste último gênero, percebemos que seu uso mais recorrente se dá a partir do período imperial romano, principalmente na poética, em que podemos identificar diversos autores produzindo poemas elogiosos, como Estácio. Deste poeta, importa-nos, para a realização deste trabalho, a coleção de poemas de circunstância denominada *Siluae*, pois identificamos que Estácio utiliza as ocasiões presentes nos poemas como pretexto para elogiar seus receptores, que são, na maioria das vezes, figuras importantes da aristocracia romana, bem como o próprio imperador. Para a realização desta comunicação, que faz parte de um trabalho maior, a fim de identificarmos as ocasiões presentes em Estácio e como o elogio é construído pelo poeta, utilizamos a obra *Sobre o epidíctico*, de Menandro Retor, que, embora seja um autor posterior a Estácio, sistematizou em seus tratados a produção oratória e poética desde a maior valorização do gênero em questão, não havendo obra teórica mais completa sobre o epidíctico na literatura antiga.



Primeira Mesa RHETOR – 16h-17h

Mediadora: Priscilla Gontijo Leite – Universidade Federal da Paraíba

1. *Como prefaciар um elogio? Considerações aristotélicas sobre os proêmios epidícticos de Isócrates*

Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda (ticiano@letras.ufrj.br)

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Na *Retórica* (1414b42-30), ao expor as características dos proêmios de discursos epidícticos, Aristóteles afirma ser recorrente o fato de eles não terem um tema em comum com o elogio em si, e, assim, estarem desconectados do restante do discurso, como (aparentemente) ocorre no *Elogio de Helena* de Isócrates. Mais do que isso, ainda que o rétor disponha temas diferentes no proêmio e no corpo principal do elogio, seu discurso não “perde seu valor” enquanto composição epidíctica, pois, segundo Aristóteles, é desse modo que se deve operar em discursos dessa natureza, para que, inclusive, ele não seja monótono e fastidioso aos ouvintes. No entanto, embora ambas as partes do encômio a Helena pareçam desconexas, tal como também ocorre no *Busíris* e no *Evágoras*, Isócrates se vale de seu criticismo contra sofistas e poetas no proêmio para justificar suas composições, antes de tecer efetivamente suas linhas encomiásticas, a fim de demonstrar a ineficácia oratória daqueles que, no passado, trataram dos mesmos temas. Nesse sentido, esta comunicação apresentará exertos das obras mencionadas, na tentativa de verificar em que medida a definição do estagirita se aproxima dos proêmios isocráticos e, ao mesmo tempo, de identificar a maneira como o criticismo do autor opera para garantir unicidade a seu *lógos* epidíctico.

2. *O caráter ficcional como elemento epidíctico em discursos judiciários de Demóstenes*

Sandra Lúcia Rodrigues da Rocha (sandralurocha@gmail.com)

Universidade de Brasília

O gênero epidíctico tem sido, desde Aristóteles (*Poet.* 1448b24, *Rh.* 1414a), relacionado às características a partir das quais se desenvolveu o que chamamos hoje de literatura. Pressupondo uma relação direta entre discursos epidícticos e a noção de ficcionalidade e considerando a epideixis uma prática social inerente à cultura ateniense, busco explorar nesta comunicação intersecções/distinções entre aspectos factuais e ficcionais em discursos judiciários atribuídos a Demóstenes. Minha atenção concentra-se em estruturas da linguagem, blocos temáticos e tipos sociais – sobretudo alguns que aparecerão em exercícios de retórica do período Romano (o bêbado, o traidor, o agressor) – que podem estar favorecendo em Demóstenes uma sobreposição entre o factual e o ficcional na parte narrativa de peças judiciárias.



28 DE OUTUBRO

Palestra – 10h-11h30

Un manifesto della democrazia? Una riflessione sull'epitafio di Pericle in Tucidide

Roberto Nicolai (roberto.nicolai@uniroma1.it)

Università degli Studi di Roma “La Sapienza”

L'epitafio di Pericle nel II libro di Tucidide ha avuto un'importanza centrale nel dibattito moderno sulla democrazia e ogni parola è stata interpretata e soppesata, spesso usata e talvolta abusata. Le mie riflessioni su questo testo riguardano diversi aspetti: in primo luogo la difficoltà di discernere il 'vero' pensiero di Pericle nelle parole che Tucidide gli fa pronunciare e la presenza di vari livelli di manipolazione: da quella della propaganda ateniese, tradizionale negli epitafi, a quella di Pericle, che esalta e difende il suo operato, a quella di Tucidide, che presenta ai lettori il 'suo' Pericle e che attraverso Pericle magnifica la sua opera di storico in relazione al soggetto da lui scelto. Un altro punto cruciale riguarda il genere del *logos epitaphios* e i testi attraverso i quali lo conosciamo: nessuno dei cinque epitafi conservati è stato pronunciato nella forma in cui lo leggiamo e due di essi sono inseriti all'interno di opere di genere letterario diverso: l'epitafio di Pericle nell'opera storica di Tucidide e quello del *Menesseno* in un dialogo platonico. Lo studio del genere dell'epitafio si allarga al contesto storico e in particolare al processo per cui una cerimonia nata per celebrare defunti di stirpe aristocratica diventa una celebrazione di anonimi cittadini caduti in guerra. Infine le interpretazioni moderne, spesso deliberatamente fuorvianti o al servizio di letture ideologiche, a partire da quella presente nella bozza di costituzione dell'Unione Europea.

Sétima Mesa – 11h30-12h30

Mediador: Gilson Charles dos Santos – Universidade de Brasília

1. *Argumentação polêmica no debate pré-eleitoral de 2018: retóricas da razão e da emoção*

Renan Mazzola (mazzola.renan@gmail.com)

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

O trabalho aqui apresentado é parte de uma pesquisa mais ampla, desenvolvida na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, intitulada “Retórica, argumentação e discurso: as polêmicas sociais na política e na mídia”. Como parte desta pesquisa, esta comunicação tem o objetivo de analisar o funcionamento da argumentação polêmica em dois recortes do debate televisionado pré-eleitoral realizado pela emissora Band em 09 de agosto de 2018, no quadro da corrida presidencial do referido ano. Foram analisadas duas interações desse debate: a primeira, envolvendo os candidatos



Guilherme Boulos e Marina Silva em torno do tema do aborto; a segunda, envolvendo os candidatos Guilherme Boulos e Jair Bolsonaro em torno do tema dos privilégios com o dinheiro público. Esta pesquisa fundamentou-se teoricamente nos campos da retórica, dos estudos de argumentação e do discurso, particularmente nos trabalhos de Plantin (2008), Amossy (2017) e Perelman e Tyteca (2014). Metodologicamente, a pesquisa possui caráter bibliográfico-documental, de natureza descritiva e explicativa, fontes de ordem primária e tratamento qualitativo dos resultados. No que se refere aos resultados, demonstramos por que meios retóricos e discursivos a primeira interação polêmica ocorreu pautada no logos e no éthos; e, em seguida, por que meios a segunda interação polêmica ocorreu pautada no páthos e na desqualificação do adversário.

2. *Retórica e Pesquisa Histórica: estudo da Recepção da Antiguidade pela imprensa luso-brasileira do início do séc. XIX*

Anderson Zalewski Vargas (zalewski.vargas@ufrgs.br)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

A comunicação apresentará elementos de pesquisa a respeito da conjunção de análise retórica e de estudo da recepção da Antiguidade grega e latina na imprensa luso-brasileira da primeira metade do século XIX. Isso é possível pois não apenas era preciso persuadir leitores e combater adversários, mas principalmente porque a formação intelectual dos indivíduos naquela época, e ao longo de todo aquele século, dotava os indivíduos de notável conhecimento da cultura e da história greco-romanas, incluindo a retórica. Apesar disso, esse aspecto da história intelectual dos dois lados do Atlântico continua relativamente intocado, especialmente no Brasil, apesar de suas potenciais implicações para a historiografia nacional.

Oitava Mesa – 13h30-14h30

Mediador: Marco Valério Classe Colonnelli - Universidade Federal da Paraíba

1. *Virtutes imperatoriae e speculum principis: elementi epidittici nella de imperio Cn. Pompei di Cicerone*
Tommaso Ricchieri (tommaso.ricchieri@sns.it)
Università degli studi di Padova

Nell'*Orator* (§ 102), Cicerone esemplifica i tre genera dicendi con tre delle sue orazioni, e per il genus medium, associato all'oratoria epidittica, cita l'orazione *de imperio Cn. Pompei* (nota anche con il titolo, meno esatto, di *pro lege Manilia*), pronunciata nel 66 a.C. in favore dell'attribuzione a Pompeo del comando straordinario (*imperium extra ordinem*) della guerra contro Mitridate. In essa, in effetti, si trova una consistente sezione di stampo epidittico (§§ 27-48), nella quale Cicerone presenta il ritratto



del perfetto comandante chiaramente incarnato da Pompeo a cui affidare il comando della guerra mitridatica dopo il fallimento dei tentativi di Lucullo e di Manio Acilio Glabrione. Questa sezione tratta delle quattro *virtutes imperatoriae* che il perfetto comandante deve possedere (§ 28: *ego enim sic existimo, in summo imperatore quattuor has res inesse oportere, scientiam rei militaris, virtutem, auctoritatem, felicitatem*) e delinea, più in generale, il profilo del buon governante, che con la sua virtù si fa apprezzare dai sudditi. Nel mio intervento intendo analizzare gli elementi epidittici di questa fondamentale sezione del discorso ciceroniano, soffermandomi in particolare sulla funzione che essa ha come vero e proprio *speculum principis*, ritratto del sovrano ideale, che risente dei trattati ellenistici «sul regno» (*perì basileias*) e che avrà un importante influsso anche sulla trattatistica successiva (ad esempio il *de clementia* di Seneca) e sui panegirici, appartenenti per eccellenza al genere epidittico. Vedremo dunque come in questo primo discorso pubblico e politico di Cicerone, dopo i suoi esordi giudiziari negli anni precedenti, egli faccia ricorso all'oratoria epidittica per celebrare (e ingraziarsi) Pompeo, ma anche per gettare le basi di quella che è la sua visione riguardo all'ideale reggitore dello stato, che emergerà nei suoi trattati filosofici a cominciare dal *de re publica*.

2. *A questão do decorum entre os genera dicendi e os officia oratoris no Orator, de Cícero*

Wanessa Almeida Ramos (wanessaalmeida66@gmail.com)

Universidade do Estado do Amazonas

A discussão a respeito dos gêneros discursivos, nos dias de hoje, ganha, cada vez mais, ampla discussão e firme avanço nos estudos linguísticos, sendo objeto de pesquisas, reflexões e implicações de ordem metodológica crucial no ensino de língua. À vista disso, nossa pesquisa buscará refletir sobre o pensamento antigo acerca da constituição e da organização do discurso, especificamente o oratório, a partir de sua relação com os estilos que lhe podem ser empregados e que lhe caracterizam individualmente. Estabeleceremos um recorte epistemológico e investigativo que se pautará sobre as tipologias do discurso oratório antigo. Para tais reflexões, tomaremos como elemento central o último tratado de retórica de Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.), o *Orator* (46 a.C.), que delinea a formação universal que intenta conduzir o orador à perfeita prática da oratória, através da comparação entre espécies de discursos e a convenção com que cada uma delas se manifesta. Investigaremos, por conseguinte, a formulação e a interpretação do orador romano a respeito da relação do princípio do decorum e os níveis do estilo oratório, isto é, os *genera dicendi*. Em poucas palavras, a relação entre os níveis *grandiloquens* (veemente ou sublime), *tenuis* (simples ou humilde) e *temperans* ou *medius* (moderado ou médio) (*Orator* §§ 20-22; 100) e as três funções do orador os (*officia oratoris* – *Orator* §§ 69-75), a saber: *probare*, *delectare* e *flectere* (ensinar, agradar e convencer). Para o aprofundamento dessas questões, nosso aporte teórico será baseado nas contribuições de Reboul (2004); Cohen & Bremond (1975); Albrecht (2003); Garavelli (2008); Marafio (2003), entre outros.



Nona Mesa – 14h30-15h30

Mediador: Gilson Charles dos Santos (Universidade de Brasília)

1. *A função do epidíctico nos comentários de Cícero sobre os candidatos de sua eleição ao consulado* (64 AEC)

Alessandro Carvalho da Silva Oliveira (csoalessandro@gmail.com)

Universidade Federal do Espírito Santo

Objetivamos destacar a função e os efeitos do epidíctico na carta de Cícero a Ático (*Att.* 1.1) em que o orador comenta a situação de seus adversários na eleição que estaria por vir para o ano de 63. Nessa epístola, é realizada uma espécie de análise de conjuntura em que o autor desfere severas críticas a diversos candidatos e a seus aliados a fim de mostrar sua vantagem na eleição. No contexto de produção da carta, Cícero já obtivera vitória em casos jurídicos que tiveram considerável fama, como, por exemplo, a denúncia da corrupção de Verres, fazendo com que o orador tivesse destaque na República. Considerando a posição social dele, que era a de um homo nouus (o que propiciava o questionamento de sua cidadania com frequência), candidatar-se para a eleição da maior magistratura da República exigia não apenas estratégias discursivas eficazes, mas também um amparo de aliados influentes da *Urbs*. Assim, o conceito de *amicitia* é fundamental para entender a carta, tal como é o conceito de *mos maiorum*, pois este é a base para a construção dos elogios e dos vitupérios na epístola. Vemos que a maneira como o orador se apropria da tradição dos costumes, remodelando-a e reconstruindo-a, possibilita tanto o rebaixamento de seus concorrentes e dos aliados deles, como a reafirmação de si e de seus *amici*, buscando persuadir Ático de que, pela análise do contexto, apoiá-lo seria uma ideia coerente.

2. *Rethorica et risum: Elementos da Comédia no discurso ciceroniano*

Bianca Bartira Genildo da Silva (biancabartira86@gmail.com)

Universidade Federal do Rio de Janeiro

A arte retórica envolve a intenção que subjaz ao discurso e à escolha adequada de palavras a fim de que os ouvintes aceitem as ideias defendidas sem questionamentos, totalmente persuadidos, após serem seduzidos pelas ideias bem articuladas. Para alcançar esse objetivo, é essencial tecer um texto que atinja e manipule as emoções do público para que sua atenção seja totalmente voltada aos argumentos apresentados e estes sejam aceitos sem contestação. Logo, é preciso utilizar técnicas diversas que possibilitem o êxito nesse intento. Cícero, conhecido por seus textos persuasivos e sua eloquência aguçada, tem em sua bibliografia diversos discursos oratórios do gênero judicial, defendendo muitas vezes questões políticas, nas entrelinhas, nos quais atuou grande parte das vezes como defensor e em poucos momentos como acusador sempre fazendo um bom uso de um tom



sarcástico e irônico acerca de seus opositores, demonstrando sua habilidade oratória. Os elementos cômicos constituem um importante meio para atingir as emoções do público através do riso. A ridicularização do opositor corrobora o tom moralizante do discurso acusatório ciceroniano por vezes. Essa estratégia será observada em *In Verrem*, discurso judicial em que o orador obtém êxito em sua acusação com a utilização de estratégias retóricas relacionadas ao humor, que levam um tom irônico às palavras.

Segunda Mesa RHETOR – 16h-17h

Mediador: Marco Valério Classe Colonnelli – Universidade Federal da Paraíba

1. *Educação para a cidadania em Cícero*

Gilson Charles dos Santos (gcharles@unb.br)

Universidade de Brasília

A comunicação tratará do papel desempenhado pela retórica e pela filosofia na educação do homem público romano nas últimas décadas da república. Mais especificamente, meu objetivo é investigar o surgimento da noção de “educação para a cidadania”, conforme orientada nos tratados retóricos e filosóficos de Cícero, especialmente o *De Inventione*, o *De Oratore*, o *De Officiis* e as *Partitiones Oratoriae*. Meu argumento é o de que, ao enfrentar o problema do aprendizado meramente formal da retórica apresentado nos tratados escolares, Cícero defende uma educação mais abrangente do homem público tendo em vista o exercício da cidadania do modo como esse conceito era compreendido em sua época. O processo, que tem como ponto de partida o orador e a reação da audiência como ponto de chegada, pressupõe que o orador não apenas seja eloquente e tenha o máximo de controle possível sobre as técnicas de persuasão como ainda, agindo corretamente, esteja eticamente preparado para discursar. Nesse processo estão envolvidas as redefinições de orador e de eloquência a partir de lições filosóficas sobre o cidadão, sobre a cidade e, inclusive, sobre a vida em comunidade. Na identificação e na descrição desse processo, o método não será unicamente problematizar a definição de homem público em contexto histórico de mudança da forma de organização social; será, também, repensar a relação entre educação individual e valores coletivos. Portanto, ao relacionar educação, retórica e filosofia, pretendo oferecer um testemunho do surgimento da noção de “educação para a cidadania” que subjaz ao conceito de educação existente entre nós até os nossos dias.



2. *Retórica da dança e performance do orador em Sobre a dança de Luciano de Samósata*

Pedro Ipiranga Júnior (junioripiranga@yahoo.com.br)

Universidade Federal do Paraná

Este trabalho tem uma dupla finalidade: primeiro, montar um quadro de correspondências entre a atividade do dançarino de pantomima e do orador com base na obra *Sobre a dança* de Luciano de Samósata e no excuro IX.15 da obra *Symposiaká/Quaestiones Convivales* de Plutarco; em segundo lugar, verificar e analisar a utilização e transfiguração da pantomima em *Sobre a dança*. A partir desse enquadramento, serão revistos e retomados as concepções de mimesis e emulação subjacentes às obras em suas relações com a dança-atuação da pantomima, com particular atenção à terminologia concernente à dança, a exemplo dos chamados ‘*skhémata*’, que temos traduzido por ‘afigurações’ e que dizem respeito às poses coreográficas adotadas durante a dança ou simplesmente à aparência do pantomimo em sua apresentação. Enfatiza-se, ademais, a qualificação da pantomima, a partir das várias fontes, como uma linguagem visual ou silente, o que acarreta uma perspectiva estruturante sobre ela, enfocada como portadora de um código de sinais (movimentos, gesticulações e ‘afigurações’), mas, ao mesmo tempo, como faculdade de interpretação e de expressão de sentimentos e emoções.

29 DE OUTUBRO

Terceira Mesa RHETOR – 10h-11h30

Mediador: Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda – Universidade Federal do Rio de Janeiro

1. *Conflito no oikos: kleros em disputa em Is. I, II e III*

Priscilla Gontijo Leite (priscilla.gontijo@academico.ufpb.br)

Universidade Federal da Paraíba

A carreira de Iseu destaca-se pela atuação nas ações envolvendo contentas familiares, sendo o orador com o maior número de registros a respeito de direito sucessório. Portanto, a consistência temática no *corpus* de Iseu permite sua interpretação a partir de três eixos, que igualmente relacionam entre si: *pólis* (cidade), *oikos* (casa), *kleros* (herança). A partir dos discursos I, II e III do *corpus* de Iseu iremos refletir sobre a herança, privilegiando as disputas em torno da gestão do patrimônio, que podem levar o afastamento de um parente do núcleo familiar mais próximo (Is. I e Is. II) ou a ação de interesseiros (Is. III). A partir do *kleronomos*, herdeiro, e da *epiclera*, a mulher herdeira dos bens, é possível também analisar os comportamentos esperados e condenados pela sociedade ateniense, que serão igualmente privilegiados em nossa análise.



2. *A psicagogia de Péricles: inflamar para encorajar* (Tucídides, Livro II, 60-64)

Marco Valério Classe Colonnelli (mcolonnelli@hotmail.com)

Universidade Federal da Paraíba

Nesta comunicação pretende-se analisar as estratégias empregadas por Péricles em seu segundo discurso na obra de Tucídides (II. 60-64). Com base em estratégias encontradas nos manuais de retórica antiga, Retórica de Aristóteles e Retórica a Alexandre, empreender-se-á, em contraste com as críticas de Dionísio de Halicarnasso, um exame das possíveis linhas de argumentação do estrategista, ressaltado, principalmente, aspectos de uma psicagogia peculiar por parte do orador.

Décima Mesa – 11h30-12h30

Mediadora: Priscilla Gontijo Leite-Universidade Federal da Paraíba

1. *A representação da mulher ilegítima nos discursos III e VI de Iseu*

Ana Carolina Simões Silva (acarolinasimoess@gmail.com)

Universidade Federal da Paraíba

Os discursos jurídicos são essenciais para o debate sobre as relações sociais, econômicas, políticas e religiosas que permeiam a sociedade ateniense. Dentre estes, os discursos do orador Iseu se destacam por oferecerem importantes reflexões acerca das relações familiares e suas querelas na Atenas Clássica. Baseando-se na construção de argumentos de exploração do *ethos*, o orador proporciona uma relação entre o âmbito jurídico e as construções sociais - enfatizando quais seriam os melhores atributos e condutas de um cidadão - e como ambos são necessários para uma análise dos argumentos sobre as relações de parentesco utilizados nas disputas sucessórias. Tendo em vista que a relevância destes compreende também as relações de gênero na Antiguidade, a presente comunicação tem como objetivo analisar a construção retórica da mulher ilegítima nos discursos *Sobre a Herança de Pirro* (Is. III) e *Sobre a Herança de Filoctémon* (Is. VI), de Iseu – tratando-se de uma concubina (*pallake*) e uma prostituta (*porne*), respectivamente. A partir destes, pode-se observar o uso do estatuto da mulher como estratégia retórica, a fim de ilegitimar disputas sucessórias, o que permite reflexão sobre a situação legal e social das mesmas. Além disto, a presença das mulheres nas disputas que permeiam o cotidiano ateniense possibilita reflexões acerca do caráter dinâmico do *oikos*.

2. *Considerações acerca do próêmio e do epílogo do discurso sobre os bens de Meneclis, de Iseu*

Robson Lucena Carneiro

Universidade Federal da Paraíba



O presente trabalho pretende apontar algumas considerações acerca do próêmio e do epílogo do segundo discurso de Iseu. O orador grego trata sobre os bens de Menecles, ao apresentar questões relacionadas à adoção e à sucessão de herança, segundo as leis da Atenas do século IV. Este discurso judiciário configura-se como uma defesa, em que o adotado reclama a posse dos bens legitimamente deixados pelo pai adotivo, ao passo que seu tio tenta demonstrar o contrário, visto que deseja usufruir deles. Dentre as diversas partes de um discurso desta espécie, procuramos evidenciar aqui seu início e seu término, nomeadamente o próêmio e o epílogo. Ao iniciar sua exposição, o orador busca produzir na audiência o acolhimento da argumentação, como também apresentar o seu objetivo: alcançar a persuasão, própria da retórica. Pode valer-se de alguns recursos, como o de proporcionar uma boa impressão de seu caráter (*éthos*), e, inclusive, atacar o do oponente. De forma semelhante, já prestes a encerrar, busca prender novamente a atenção dos ouvintes e dos juízes, para que consiga convencê-los da verdade da causa que defende, causando-lhes certas reações (*páthos*). Recapitula ainda todos os pontos citados durante o discurso, para deixar atualizadas as mentes dos presentes. Assim, podemos estabelecer em nossa pesquisa algumas considerações no que diz respeito às semelhanças entre o próêmio e o epílogo do discurso *Sobre os bens de Menecles*, de Iseu. Através da metodologia de natureza básica e caráter qualitativo, utilizaremos como aporte teórico a *Retórica*, de Aristóteles, *Éléments de Rhétorique Classique*, de Michel Patillon, dentre outros, com a finalidade de analisar tais pontos dentro do discurso.

Décima Primeira Mesa – 13h30-14h30

Mediadora: Priscilla Gontijo Leite-Universidade Federal da Paraíba

1. A mulher na invectiva a partir de Semônides e Juvenal

Iana Lima Cordeiro (iana-cordeiro@hotmail.com)

Universidade Federal do Espírito Santo

Em sua definição da Retórica, Aristóteles dividiu os discursos em deliberativos, judiciários ou epidícticos. Nesta última categoria, estão previstas as práticas tanto de elogio quanto de vitupério. Pode-se afirmar que o objetivo da invectiva era a difamação pública, a partir de concepções éticas sociais, de um indivíduo conhecido, a fim de isolá-lo de sua comunidade. Na poesia, encontramos a prática invectiva em gêneros que remontam à Grécia arcaica. O gramático Diomedes define o iambo grego como “canto maledicente” (*carmen maledicum*) e faz uso desta mesma expressão para se referir à sátira romana. Dentre o corpus sobrevivente de iampos, bastante fragmentário, destaca-se o *Fragmento 7*, de Semônides, o mais extenso iambo conhecido, no qual há a descrição de dez tipos de mulheres – dos quais oito são derivados de animais, e os outros dois, de elementos naturais inanimados –, um digno de louvor e outros nove caracterizados negativamente. Coincidentemente, na maior sátira romana



conhecida, a *Sátira* 6, de Juvenal, com quase 700 versos de extensão, há um interlocutor que, dirigindo-se a um indivíduo denominado Póstumo, profere diversas críticas às mulheres, com vistas a tentar dissuadi-lo da ideia de se casar. Em face destes pontos em comum, propomos observar a descrição das mulheres em ambos os textos, que, embora afastados no tempo, aproximam-se em expressividade dentro de seus respectivos gêneros, haja vista sua extensão, e perceber de que maneira neles realiza-se a prática invectiva direcionada para um objeto em comum: o sexo feminino.

2. *Os discursos dos sofistas: um estudo sobre a caracterização da betaira no livro 13 de O Banquete dos Sábios*

Isadora Costa Fernandes (isadoracf79@gmail.com)

Universidade de Brasília

Esta comunicação possui como objetivo entender como e por qual motivo se deu a caracterização das *betairai* no livro 13 de *O Banquete dos Sábios* escrito por Ateneu. Para tanto, foi desenvolvida uma análise do livro 13 com o auxílio de estudos contemporâneos sobre o autor. Os resultados encontrados indicam que os sofistas utilizam a caracterização das *betairai* como função argumentativa de forma a fortalecer sua argumentação. A pesquisa identificou que o contexto sociocultural de Roma no séc. III d.C. contribui diretamente para a construção dos personagens de Ateneu, homens letrados que competem entre si através da exibição da *paideia*. O próprio autor partilha dessa realidade tanto na sua obra, na qual aparece como um personagem, quanto em sua bibliografia, tendo escrito a obra enquanto vivia em Roma sobre o patronato de um *pontifex minor*. Dessa forma, o estudo desenvolvido nos leva a concluir que a definição de *betaira* não é fixa e está associada à argumentação das personagens de Ateneu em sua obra. Essa conclusão corrobora para uma visão de Ateneu como autor de uma obra ao invés de uma visão, que é majoritária na academia, de que Ateneu seria apenas um compilador de fontes.

3. *“Jovita é a mais nobre, senão mais heróica”*: heroicidade feminina e Recepção da Antiquidade no Parthenon Literário

Mariana Soares Zuchetti (marianasozuchetti@gmail.com)

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Pretendo apresentar a pesquisa desenvolvida em meu TCC, terminado em 2020, onde analisei a Recepção da Antiquidade na formulação da heroicidade feminina em um artigo publicado na Revista Mensal da Sociedade Parthenon Literário intitulado “These histórica: Jovita é, ou não uma heroína” de Francisco Antunes Ferreira, publicado em 1869. A sociedade surgiu na província de São Pedro de Rio Grande do Sul (atual Rio Grande do Sul) durante a segunda metade do século XIX, sendo considerada um dos mais importantes grupos dedicados às “belas letras” do período na região. Como



referencial teórico, adotei a História da Recepção da Antiguidade, com destaque na obra de Charles Martindale, que busca analisar os processos de recepção com ênfase em como os autores clássicos são relidos e ressignificados por seus leitores nos séculos subsequentes. Durante o estudo, analisei como personagens da Antiguidade Clássica citadas por Heródoto, Plutarco e Tito Lívio, como Artemisia, as Sabinas, Clélia, Vetúria e Lucrecia são ressignificadas pelo Parthenon para conferir heroicidade a Jovita Alves Feitosa, uma jovem cearense que se voluntariou para ingressar nas tropas brasileira durante a Guerra do Paraguai. A jovem vestiu-se de homem para alistar-se como soldado durante a guerra, mas acabou sendo descoberta e enaltecida como símbolo de patriotismo. Jovita caiu no esquecimento após ter seu pedido negado, suicidando-se posteriormente. No artigo que constituiu o centro da minha investigação, identifiquei a heroicidade feminina como vinculada a defesa da pátria, sendo as mulheres da Antiguidade vistas como heroínas ao pegarem em armas para defender seus aliados (como Artemisia), evitando conflitos (como as Sabinas e Vetúria) ou martirizando seu corpo (como Lucrecia). Acredito que a autoridade e prestígio do mundo clássico apropriados por Francisco Antunes Ferreira conferiram peculiar heroicidade à Jovita, igualada a figuras notáveis na tradição clássica e nas três esferas de heroicidade feminina definidas pelo autor.

Conferência de Encerramento – 15h30-17h

Considerações sobre os termos epideixis e epidíctico em Górgias, Platão e Aristóteles

Maria Cecília de Miranda Nogueira Coelho (deltos@gmail.com)

Universidade Federal de Minas Gerais

Na exposição dos três gêneros de discursos retóricos, Aristóteles distingue o *symbolentikon*, o *dikanikon* e o *epideiktikon* (*Retórica* 1358b). Por sua vez, Kennedy, em sua famosa tradução da obra (que tem o perspicaz subtítulo *A theory of civic discourse*), usa *deliberative*, *judiciary* e *demonstrative* para traduzir os termos gregos. Alexandre Junior (e colaboradores), na edição portuguesa, usa *deliberativo*, *judicial* e *epidíctico*, colocando em nota também outros termos, respectivamente: *político*, *forense* e *demonstrativo*. A meu ver, essas traduções apontam para um problema, a princípio menor, de escolha lexical, mas que se torna medonho. Como falar em demonstração — termo tão caro às ciências formais ou exatas e à própria filosofia, e que, habitualmente, é tradução de *apodeixis* — justamente em relação àquele (o epidíctico) que se tornou, na tradição (viciosa e viciante), o gênero, mas “retórico”, no sentido negativo e derogatório dessa palavra? Para tentar responder a essa questão, além de analisar o texto aristotélico, veremos como o termo (e seus correlatos ou derivados) é utilizado por Platão, no *Górgias*, e por Górgias, no *Elogio à Helena*.